

Editar para aprender: o fanzine como mediação entre práticas editoriais e formação crítica no ambiente escolar¹

Luiza Márcia Alves Terrinha²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG

Resumo

Este artigo analisa o fanzine como ferramenta de mediação entre os campos da edição e da educação, destacando seu potencial na prática pedagógica de maneira crítica, autoral e formativa. A partir da linguagem, materialidade e processo artesanal do zine, discute-se como sua produção em sala de aula simula etapas editoriais reais e promove o protagonismo discente. Fundamentado em Muniz (2010), Oliveira (1997), Magalhães (1993) e na teoria histórico-cultural de Vygotsky, o estudo conclui que editar um fanzine é também editar saberes, identidades e modos de ser, funcionando como um microcosmo do universo da edição no ambiente da escola. Recomenda-se sua aplicação transversal no currículo escolar, como experiência estética, ética e coletiva que amplia o papel da escola como espaço de criação e circulação de conhecimento.

Palavra-chave: fanzine; práticas editoriais; mediação pedagógica; produção editorial.

A edição, tradicionalmente vinculada ao campo das artes gráficas e da produção editorial, tem expandido seus sentidos na contemporaneidade, especialmente quando inserida em territórios não convencionais, como a escola. Nesse contexto, o fanzine, identificado como publicação artesanal, que possui circulação marginal e estética provocadora, que se distingue do padrão utilizado pelos meios de comunicação, emerge como instrumento pedagógico em potencial, ao permitir que educadores e estudantes experimentem e vivenciem o processo editorial e autoral de forma criativa, com olhar crítico e de maneira coletiva. De destaque, já de imediato, a palavra marginal, utilizada nesse momento, deve ser remetida ao sentido de “ser uma publicação que cresce à margem do que se oficializou como meio de comunicação impressa oficial - os jornais e revistas”, conforme reforça Nascimento (2010, p.123).

O termo fanzine, de acordo com o quadrinista, pesquisador, professor e doutor Henrique Paiva de Magalhães, uma das principais referências sobre o assunto no Brasil,

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, sob orientação da Prof.^a Ana Elisa Ferreira Ribeiro. E-mail: luiza.malt@gmail.com

se origina da fusão das palavras em inglês *fanatic* (fã, como derivado de fanático ou alguém fanático por determinado artista, por exemplo) e *magazine* (revista), tratando-se, portanto, inicialmente, de uma revista criada por e para fãs. A concepção inicial desse formato representa a possibilidade de se produzir publicações de um determinado tema artístico, com o objetivo de troca e compartilhamento de informações entre aqueles usuários que possuam o mesmo interesse em um determinado assunto em comum, e que não apresente um custo elevado para que se chegue a sua produção final. Historicamente vinculado a movimentos contraculturais, o fanzine nasceu da necessidade de expressão de grupos sociais excluídos ou não tão focados das mídias e comunicações convencionais, sendo instrumento de resistência, denúncia e circulação de saberes alternativos.

Com formatos variados e baixo custo de produção, os zines firmaram-se como mídias independentes que privilegiam a liberdade estética e discursiva, priorizando o conteúdo à forma tradicionalmente imposta pelo mercado editorial formal. Essas publicações se caracterizam por serem amadoras, sem fins lucrativos, frequentemente produzidas de maneira artesanal e em pequenas tiragens. Com o tempo, deixaram de ser uma produção voltada apenas para a cultura de fãs, determinados assuntos e de baixo custo e, cada vez mais, suas produções e edições passaram a valorizar aspectos gráficos e experimentações artísticas tanto como uma forma de expressão da textualidade, quanto como uma experiência da estética visual, tornando a leitura ainda mais envolvente, por meio de capas provocativas, ilustrações ousadas e diagramações não convencionais. Ainda conforme o Magalhães, vemos que:

Os fanzines são veículos amplamente livres de censura. Neles seus autores divulgam o que querem, pois não estão preocupados com grandes tiragens nem com lucro; portanto, sem as amarras do mercado editorial e de vendas crescentes. Uma das mais importantes características dos fanzines é que seus editores se encarregam completamente do processo de produção. Desde a concepção da idéia até a coleta de informações, diagramação, composição, ilustração, montagem, paginação, divulgação, distribuição e venda, tudo passa pelo domínio do editor. Em muitos casos, até a própria impressão é feita pelo editor, que aprende a lidar com o produto jornalístico de uma forma global. A manipulação de todo o processo, embora exija mais tempo e habilidade, dá maior liberdade de criação e execução da idéia. (Magalhães, 1993, p.10)

Autores como Edgard Guimarães (2020) argumentam que toda produção artística inédita e independente poderia, em sentido amplo, ser classificada como uma revista alternativa, diferenciando-se, assim do objeto principal desse estudo. No entanto, o termo *fanzine* acabou se consolidando como designação específica para publicações de caráter amador, não comercial e motivadas essencialmente pela afinidade e entusiasmo de seus criadores em relação a alguma temática. Trata-se, portanto, de uma produção editorial marcada não pelo rigor técnico ou pelo interesse mercadológico, mas pela liberdade criativa, pela experimentação gráfica e pela circulação marginal. Nesse aspecto, enquadram-se como *fanzines* as publicações que reúnem textos autorais diversos, histórias em quadrinhos produzidas ou coletadas por editores e leitores, reproduções de HQs antigas, poemas, contos, colagens, resenhas, manifestos e a divulgação de expressões culturais independentes, como bandas ou artistas.

Nessa perspectiva mercadológica, o *fanzine* atua como resistência às lógicas dominantes do meio editorial, espaço que, conforme Thompson (2013) está cada vez mais regido por lógicas de risco financeiro e projeção de lucros, priorizando publicações com alto potencial de mercado (os chamados *big books*). Essa lógica de concentração mercadológica reduz o espaço para a experimentação e empurra projetos autorais, críticos ou alternativos para fora dos grandes circuitos.

Ao se posicionar à margem dessa estrutura, o *zine* afirma-se como mídia de autoria livre. Seus editores, muitas vezes os próprios autores, criam a partir de motivações pessoais, políticas ou afetivas, recusando os filtros impostos pelas grandes editoras. Essa prática resgata não apenas a autonomia do fazer editorial, mas também reinscreve o gesto de publicar como ação subjetiva e social. É nesse gesto que a educação pode encontrar potência formativa, pois a edição, quando realizada com liberdade, transforma-se em experiência crítica e de mediação de saberes.

Roger Chartier (1999), por sua vez, contribui para esse entendimento ao destacar que toda publicação é, antes de tudo, uma prática cultural materialmente situada. O *fanzine*, nesse sentido, não é apenas conteúdo, mas forma: sua confecção artesanal com colagens, dobras, escritas manuais e recortes transforma o suporte em performance criativa, devolvendo ao ato de editar um sentido estético, político e coletivo. Trata-se de uma publicação que recusa a neutralidade técnica e assume a intencionalidade como parte constitutiva de sua linguagem.

No ambiente escolar, o fanzine tem sido cada vez mais apropriado como ferramenta pedagógica, principalmente por sua capacidade de fomentar a autoria e a crítica. Ao romper com os formatos padronizados de avaliação e produção textual, ele oferece ao aluno a possibilidade de se reconhecer como sujeito do discurso, produtor de conhecimento e organizador de narrativas próprias. Assim, a educação deixa de ser um processo verticalizado e passa a operar em uma lógica horizontal, em que o saber circula, se organiza coletivamente e se edita.

Nesse sentido, é importante refletir e trazer à luz o fazer editorial do fanzine como mediação entre os campos da edição e da educação, a partir da sua incorporação em práticas pedagógicas, revelando-se não apenas como suporte de expressão, mas como um processo formativo que convoca autoria, escuta, curadoria e linguagem.

A linguagem e a materialidade do fanzine como experiência formativa

A linguagem do fanzine se caracteriza por sua liberdade construtiva: o uso de colagens, recortes, manuscritos, desenhos e sobreposições que permitem que o conteúdo seja também vivido sensorialmente. Esse fazer gráfico e experimental favorece a criação de vínculos afetivos e expressivos com os temas abordados, o que amplia a relação entre o sujeito e o conhecimento, além da melhor compreensão daquele saber ensinado academicamente.

Trabalhar com fanzines em sala de aula implica desafiar os limites entre forma e conteúdo, teoria e prática. Os estudantes não apenas escrevem, mas também decidem como organizar suas ideias graficamente, o que faz com que seja introduzido no processo de aprendizagem aspectos ligados ao design, à seleção, à edição e à comunicação. Ao serem introduzidos em um projeto de construção de um zine, os alunos vivenciam, ainda que de maneira breve e adaptada, as etapas que compõem o processo editorial: concepção, escolha de temas, redação, revisão, diagramação, impressão e publicação (mesmo que em pequena escala). Essa experiência aproxima o ambiente escolar de práticas profissionais, permitindo que os alunos compreendam o funcionamento da cadeia editorial e suas implicações éticas, estéticas e comunicacionais, podendo aplicar essa visão editorial em ações do dia a dia, aumentando seu desenvolvimento crítico quanto à cultura e o meio social em que se encontra.

Ao incorporar essa ferramenta da edição como parte da prática pedagógica, é possível estabelecer relações com os princípios formativos descritos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente no que se diz respeito à promoção de competências gerais como o pensamento crítico, a criatividade, a comunicação, o repertório cultural e a responsabilidade com o coletivo:

Produzir, de forma colaborativa, e socializar *playlists* comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines, *e-zines* ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, games, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc. (Brasil, 2018, p.511)

As aprendizagens no ambiente escolar abrangem a linguagem, a escrita, a matemática, o desenho etc., e desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das funções cognitivas dos alunos. No entanto, embora sejam essenciais, não são, por si só, capazes de desencadear o pleno desenvolvimento das habilidades e potencialidades necessárias para uma convivência mais humanizada na sociedade, visto que é preciso que o ambiente escolar potencialize o desenvolvimento dessas funções psíquicas nas crianças, jovens e adultos - respeitando suas singularidades.

Essa pluralidade trazida pelo formato do zine contribui para a construção e aprimoramento das competências previstas pelo documento base da educação curricular, que não se limitam à escrita formal, mas abrangem a leitura crítica, a interpretação, a produção de sentidos e a comunicação em múltiplos formatos e mídias. Ainda de acordo com a BNCC, os estudantes devem ser capazes de compreender, utilizar e produzir diferentes linguagens, sejam elas: verbal, visual, sonora ou corporal. Nesse contexto, o fanzine se destaca como instrumento pedagógico porque permite a criação de conteúdos que circulam fora dos meios convencionais de publicação, ou seja, em suportes não hegemônicos, uma vez que publicações artesanais, fotocópias, com estética própria, muitas vezes fogem do padrão comercial ou mesmo acadêmico.

A incorporação do fanzine em práticas pedagógicas também pode encontrar um reforço teórico junto à teoria histórico-cultural de Vygotsky, referente à discussão sobre mediação, em um momento em que o processo de aprendizagem ocorre por meio da mediação simbólica e da interação social. O fanzine, ao relacionar texto, imagem, autoria

e coletividade, configura-se como instrumento cultural mediador da construção do conhecimento. Nesse processo, o professor deixa de ocupar um lugar exclusivamente transmissor de conteúdos e passa a atuar, também, como mediador do desenvolvimento, apoiando os estudantes na construção de sentidos, na organização das ideias e na expressão de suas subjetividades.

Com isso, a prática editorial artesanal observada aqui, está em diálogo junto aos objetivos da educação integral previstos na BNCC, que buscam valorizar a formação do estudante em sua dimensão intelectual, emocional, estética e ética. Ao permitir que o estudante se expresse graficamente, visualmente e verbalmente, o fanzine se insere como um material pedagógico alinhado à construção de saberes interdisciplinares, à valorização da autoria estudantil e ao fortalecimento do protagonismo do aluno, ultrapassando a abordagem conteudista tradicional ao incluir formas de saber e de fazer historicamente marginalizadas e não utilizadas cotidianamente.

A edição do fanzine na escola: práticas autorais e simulações editoriais

Ao propor a produção de zines em ambiente escolar, o educador introduz o estudante em um campo raramente explorado no cotidiano da escola: o da edição. Como se pode observar até o momento, editar um fanzine não se resume a dispor informações em uma folha de papel sem direção ou definição prévia; trata-se de construir sentidos a partir de escolhas estéticas, temáticas e discursivas que articulam autoria e intencionalidade. Nesse processo, os alunos passam a vivenciar práticas semelhantes às dos editores profissionais, ainda que de forma breve e adaptada à realidade escolar, praticando as etapas do processo editorial, desde a concepção da ideia até a circulação do material finalizado e da sua distribuição.

As autoras Taisa Maria Laviani da Silva e Zandra Coelho de Miranda (2022), ao discutirem os processos criativos do zine no campo da arte-ciência em texto publicado na revista *Imaginário!*, reforçam a dimensão subjetiva e ética da produção editorial alternativa. A ação do fazer ao se criar um zine ao rasgar, dobrar, colar, desenhar e montar seu próprio exemplar, faz com que o estudante se envolva integralmente, com o corpo e com a imaginação, trazendo e expondo sua voz, seus pensamentos. Esse gesto artesanal transforma o aprendizado em vivência tátil e expressiva, promovendo e reforçando uma pedagogia do sensível e da autoria. Tal perspectiva permite compreender o fanzine não

apenas como produto gráfico, mas como prática existencial, no sentido foucaultiano das artes da existência — formas criativas e éticas de construção de si, como reforçam ao recuperarem as palavras de Foucault:

Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. (SILVA e MIRANDA, 2022, p.14)

Nesse mesmo caminho, Cellina Muniz (2010), em seu texto *Na desordem da palavra: fanzines e a escrita de si*, entende que certas práticas, como a escrita, a edição artesanal, a criação de personagens e a narração de experiências, podem ser vistas como modos de subjetivação, ou seja, formas pelas quais os sujeitos produzem e expressam seus modos de ser no mundo. A autora identifica, a partir da análise do fanzine *PalavraDesordem*, uma autoria plural e dinâmica constituída por três formas de si:

- 1) o autor-editor, aquele que atua como o principal responsável pela composição do fanzine e/ou da revista, como a coleta e colagem dos textos, a montagem, a produção das fotocópias e impressões, a organização dos meios de custeio, bem como a distribuição;
- 2) o autor-narrador, aquele que participa com os textos propriamente, verbais (escritos) ou não-verbais (imagéticos, visuais), sejam textos assinados (e aí prevalecem os contos, poemas e ilustrações, embora também apareçam outros gêneros textuais, como resenhas acadêmicas e artigos de opinião) ou anônimos, como no caso de poesias coletivas, muitas vezes escritas numa mesa de bar ou em rodas afins;
- 3) o autor-personagem, um caso à parte, e bem significativo: trata-se de alguém do grupo que é personificado em algum texto, transformado em personagem através de narrativa de um episódio vivenciado e redimensionado (MUNIZ, 2010, p. 21).

Nesse sentido, ao retomarmos a noção de mediação, ao ser analisada sob diferentes referenciais teóricos, revelam-se múltiplas camadas de sentido no contexto da educação. Enquanto encontramos em Vygotsky, referenciado na obra de Oliveira (1997), a mediação como processo sociocultural que promove o desenvolvimento cognitivo por meio da linguagem e da interação, podemos perceber em Foucault, já na leitura proposta por Cellina Muniz, uma reflexão para práticas de subjetivação que constituem modos de existência.

Essas três formas de autoria encontram, na prática pedagógica com fanzines, um campo de experimentação e materialização. Em ambiente escolar, tais figuras autorais não apenas coexistem, como interagem de forma criativa e formativa, permitindo que os estudantes desempenhem múltiplos papéis no processo editorial: desde a organização e curadoria dos conteúdos até a inscrição de suas experiências pessoais, memórias e identidades. Essa vivência não se restringe à produção textual, mas articula dimensões expressivas, éticas e afetivas, ampliando o papel da escola como espaço de formação subjetiva. O estudante, nesse processo, passa a se perceber como sujeito ativo na construção de significados, tensionando os limites entre aprendizagem e invenção de si.

Considerações finais

A simulação dessas práticas editoriais também estimula habilidades importantes em um mundo tão tecnológico como o de hoje (diante de tantas ferramentas que já nos entregam vídeos, textos, imagens e direcionamentos prontos), como o trabalho colaborativo, resolução de problemas, organização de ideias, senso crítico e responsabilidade com a produção e circulação da informação. O fanzine, portanto, funciona como um microcosmo do universo da edição, possibilitando que o ato de editar se torne, também, parte do pedagógico.

Esse envolvimento com o fazer editorial estimula práticas autorais que se afastam do modelo tradicional de produção textual escolar, geralmente orientado por estruturas rígidas e, às vezes, desvinculadas da realidade dos estudantes. O resultado é um produto que expressa sentidos compartilhados e múltiplas perspectivas sobre temas relevantes para o grupo ou sobre aquele determinado tema que precisou ser definido para a realização da atividade.

A experiência editorial escolar, ainda que experimental e artesanal, permite ao estudante compreender que a edição não é neutra: envolve decisões éticas, políticas e estéticas. Escolher o que incluir ou excluir, como organizar visualmente o conteúdo, a quem destinar a publicação, são gestos que demandam reflexão crítica e consciência da função comunicativa do material produzido.

Com a utilização de zines, é possível compreender a edição como uma prática de mediação de saberes. Editar envolve selecionar, organizar, dar sentido e tornar público um conjunto de vozes, o que ressoa diretamente com o fazer docente. O professor-editor

atua não como mero transmissor de conteúdos, mas como mediador que escuta, propõe caminhos, organiza experiências de aprendizagem e valoriza a autoria discente. Ao se editar um fanzine, o estudante aprende que todo conhecimento é resultado de escolhas, disputas e posicionamentos. Dessa forma, a escola deixa de ser apenas espaço de reprodução e passa a ser também espaço de criação editorial, onde o conhecimento circula em múltiplas linguagens, formatos e direções.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.

CAMPOS, Fernanda Ricardo. abraFANZINE: da publicação independente à sala de aula. **Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos**, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 65-77, 2016. ISSN 1809-8150. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/txt/article/view/11156>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

GUIMARÃES, Edgar. **Fanzine**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense, 1993. Coleção Primeiros Passos, 283. Disponível em: <<https://dodopublicacoes.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/03/oqueefanzine.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

MUNIZ, Cellina. Na desordem da palavra: Fanzines e a escrita em si. In: MUNIZ, Cellina (org.). **Fanzines: Autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 15-28.

NASCIMENTO, Ioneide Santos do. Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico. In: MUNIZ, Cellina. (org.). **Fanzines: Autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 121-133.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

PINTO, Renato Donisete. **O Fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020.

SILVA, Taisa Maria Laviani da; MIRANDA, Zandra Coelho de. Arte-ciência e o processo criativo do zine. **Imaginário!**, v. único, p. 7-24, 2022. Disponível em: <https://marcadefantasia.com/revistas/imaginario/imaginario21-30/imaginario25/1.taisa_laviani-zandra_miranda.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025.

THOMPSON, John B. **Os mercadores de cultura: o negócio editorial no século XXI**. São Paulo: Unesp, 2013.